

## **CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: A INVISIBILIDADE VISÍVEL ATRAVÉS DA PRESENÇA DA EXCLUSÃO, HUMILHAÇÃO NO TRABALHO DIÁRIO**

Káthia Rebecca Gomes Marciano  
Antonio Carlos Zambroni de Souza

**RESUMO:** Os catadores de materiais recicláveis são agentes importantes dentro do contexto ambiental uma vez que são os responsáveis pela reinserção no processo produtivo dos materiais que a sociedade descarta. Lidando diretamente com aquilo que é descartado pela sociedade, os catadores têm seu trabalho e sua personalidade relacionados com o lixo. Este artigo traz depoimentos e demonstrativos das dificuldades, humilhações e vergonha que os catadores de materiais recicláveis das associações ACIMAR e ACARI de Itajubá (MG) enfrentam diariamente através do trabalho da catação de resíduos sólidos. Tendo como metodologia visitas e entrevistas aplicadas com esses trabalhadores identificou-se que, mesmo trabalhando de forma organizada, a convivência com situações de humilhações, invisibilidade, desqualificação social da categoria são eminentes e constantes. Os resultados evidenciam uma classe de trabalhadores excluída, humilhada, invisível e satisfeita, pois encontraram na reciclagem a oportunidade de garantir o sustento de sua família. Diante do exposto, faz-se de extrema importância a mudança cultural ampla, no sentido de promover o reconhecimento da importância do trabalho do catador, por parte do poder público e da população.

**Palavras-chave:** Catadores de materiais recicláveis. Humilhação. Vergonha. Exclusão. Trabalho

### **RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS: THE VISIBILITY THROUGH THE PRESENCE OF EXCLUSION, HUMILIATION IN DAILY WORK**

**ABSTRACT:** Recyclable material collectors are important agents within the environmental context since they are responsible for the reinsertion of materials that society discards into the production process. Dealing directly with what is discarded by society, scavengers have their work and personality related to garbage. This article brings testimonies and demonstrations of the difficulties, humiliations and shame that the recyclable material collectors of the ACIMAR and ACARI associations of Itajubá (MG) face daily through the work of solid waste collection. Using as methodology visits and interviews with these workers, it was identified that, even working in an organized way, the connivance with situations of humiliation, invisibility, social disqualification of the category are eminent and constant. The results show an excluded, humiliated, invisible and satisfied class of workers, as they found in recycling the opportunity to guarantee their family's livelihood. In view of the above, a broad cultural change is extremely important, in the sense of promoting recognition of the importance of the work of the collector, on the part of the public power and the population.

**Keywords:** Collectors of recyclable materials. Humiliation. Shame. Exclusion. Work

## 1. INTRODUÇÃO

O aumento constante da extração de recursos naturais, a poluição oriunda das indústrias, veículos e o crescimento da sociedade de consumo foram os responsáveis pela produção e descarte de resíduos em uma quantidade considerável que o meio ambiente não foi capaz de absorver, motivos que levam ao agravamento da degradação ambiental. Assim, promover políticas e ações eficazes para resolver o problema da destinação dos resíduos ainda é um desafio. Estas políticas e mecanismos devem buscar a educação da população no sentido de proteger o meio ambiente, não só focado no presente, mas também em benefício das futuras gerações. Assim, torna-se evidente o uso da reciclagem como um agente importante para a reutilização de resíduos sólidos, mitigando o descarte indevido dos resíduos no meio ambiente, enquanto lixo, e, conseqüentemente, ajudar a diminuir os efeitos negativos provocados pelo material descartado (SOUZA ET AL, 2012).

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, criada através da Lei n. 12.305/2010, foi o grande marco legislativo em relação à questão ambiental e, juntamente com ela, a reciclagem se torna mais evidente e importante. Paralelamente à implementação da PNRS, uma classe de trabalhadores se torna crescente, os catadores de materiais recicláveis. Uma categoria formada por homens e mulheres excluídos que coletam os resíduos sólidos recicláveis e reutilizáveis e vendem esses materiais buscando uma forma de renda. Profissionais que através do importante trabalho que executam, são agentes fundamentais para a diminuição da poluição ambiental (MOREIRA, PINHEIRO, 2018).

As pessoas que recolhem material nas ruas, ou seja, aquelas que vivem da reciclagem, contribuem para aumentar a conscientização ambiental. Esses indivíduos, ao sobreviverem do lixo, proporcionam àqueles que produzem os resíduos uma reflexão sobre o valor do próprio descarte. Por consequência, isso pode trazer a mudança de hábitos e preocupação com a destinação correta. Além disso, é possível que cidadãos que não possuem o hábito de reciclar, no mínimo, comecem a dar mais atenção a seus resíduos, de modo a diminuir o desperdício e o descaso em relação a tais materiais. Enfim, os catadores são também responsáveis pela educação ambiental (ZAPPAROLI, D e I, 2008).

“A reciclagem pode, e muito, contribuir para a conscientização ambiental, principalmente as pessoas que recolhem material nas ruas. Essas pessoas, pelo simples fato de recolherem seu sustento, ou sua renda, do lixo, fazem que os próprios

produtores desses resíduos reflitam o valor do seu próprio lixo e que em muitos casos modificam os seus costumes fazendo com que essas pessoas passem a separar e se preocupar com o destino do seu lixo. E as pessoas que não são sensibilizadas a reciclar, no mínimo começam a dar um valor diferenciado ao seu resíduo, e com isso diminuem o desperdício e o descaso com o lixo. Ou seja, os catadores de lixo promovem uma verdadeira educação ambiental, principalmente, para as crianças.”(Zapparoli, D.I, 2018)

A reciclagem tem o potencial de criar conscientização na sociedade, à medida que o lixo é utilizado como matéria-prima e não como mero descarte. A consciência socioambiental e comportamental surge com a intensificação de projetos de reciclagem (NEVES, SERIKAWA, RAYMUNDO, 2015).

Mesmo com a importância da reciclagem para o meio ambiente e com a função dos catadores de materiais recicláveis dentro deste processo, estes são vítimas de diversos fenômenos sociais, tais como a exclusão, a invisibilidade e a estigmatização social. São profissionais que, muitas vezes, estão sozinhos lutando por melhores condições de vida de trabalho.

Os catadores que sobrevivem da catação de materiais recicláveis são agentes excluídos pelo processo de produção capitalista em que vivem. Apesar de seu papel extremamente relevante para o meio ambiente, o descaso, o preconceito, a discriminação e a humilhação sempre estiveram presentes na relação com a população, poder público e o catador. Geralmente, os estigmas relacionados ao lixo incidem sobre aqueles que com ele trabalham ou que estão próximos, como é o caso dos catadores (DIAS, 2006).

O Movimento dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) criado em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, vem atuando juntamente com os catadores e catadoras de materiais recicláveis Brasil afora, visando sempre a valorização dessa categoria. Segundo o MNCR, os catadores estão desde os anos 50, ou até antes, vivendo excluídos e explorados. Mesmo diante desta situação, também estão buscando maneiras de sair desta condição, como uma forma de resistência a esta realidade que se impõe há tantos anos. Buscar nos resíduos a sobrevivência é uma forma de resistir às condições de exploração.

Segundo Silva et al (2007), as pessoas que trabalham na catação de lixo são pessoas de baixa renda que alimentam a lista daqueles chamados de excluídos. Vivem do lixo, indo de lixeira em lixeira procurando metais, papéis e outros resíduos sólidos recicláveis, com seu saco nas costas, carroças ou carrinhos puxados pelos próprios catadores. Essa imagem, por si só

humilhante, se agrava quando é possível evidenciar esses catadores juntamente com animais e urubus.

Para De Castilho *et al.* (2013), os catadores, mesmo aqueles que conseguem se organizar em cooperativas ou associações, não estão isentos das variadas formas de carência. Sofrem preconceitos, continuam marginalizados e excluídos, tornando-se, assim, imprescindível a realização de ações que contribuam para a real inclusão produtiva. Os catadores, mesmo exercendo uma atividade reconhecidamente benéfica para a sociedade, sofrem também uma série de preconceitos devido à própria natureza de sua atividade – neste caso, por trabalharem com o que a sociedade chama de "lixo" (FERREIRA; ANJOS, 2001).

“Geralmente o trabalho dos catadores não é valorizado, mesmo contribuindo com a conservação do meio ambiente e com a limpeza das cidades. As condições de trabalho desses sujeitos normalmente são precárias, recebem baixos salários e vivem em condições insalubres. Além do mais, sofrem preconceitos sociais e são estigmatizados por trabalharem com lixo. Diante dessa situação, os catadores vêm buscando se articular em diferentes formatos (associações e cooperativas) para reivindicarem melhorias sociais e se fazerem notar na arena política, de forma a ressignificar a função social da catação de recicláveis (Silva, M.O. 2018)

Com base nas informações apresentadas, este artigo retrata a realidade que os catadores de materiais recicláveis atuantes nas associações ACIMAR e ACARI de Itajubá (MG) estão expostos perante a população de Itajubá, considerando a execução e reconhecimento de seu trabalho, com a perspectiva de buscar compreender como a luta por reconhecimento perpassa essas histórias de vida.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É cada dia mais evidente que a problemática do lixo caminha em sentido contrário ao progresso e às diversas formas de produção. Duas questões que são inseparáveis: o modo de produção em que a sociedade se molda e a produção de resíduos, haja vista o aumento no consumo e na produção de materiais para descarte, o desemprego e os meios encontrados pelos profissionais diante das transformações no mundo do trabalho (SOUZA, 2018).

Souza (2018) relata em sua pesquisa que dentro desse contexto os catadores de materiais recicláveis se destacam e, na maioria das vezes, têm suas atividades resumidas apenas à coleta de resíduos recicláveis em ambiente público e privado.

A informalidade presente no trabalho do catador, além de não possibilitar o acesso a direitos trabalhistas, torna mais difícil o reconhecimento do profissional pelos órgãos da

administração pública. Essa problemática fica mais clara quando consideradas as condições de trabalho, pois na informalidade não há proteção social que possa resguardar o catador em eventuais infortúnios e, conseqüentemente, o trabalhador não pode deixar de trabalhar em casos de necessidade, para tratamento de saúde, por exemplo (NETO, 2019).

Para Cunha (2009) e Moraes (2009), a estigma e exclusão são notórias no trabalho do catador, pois na maioria das vezes, devido à associação de seu trabalho no manejo do lixo com sujeira e inutilidade. Para muitos desses trabalhadores, sua identidade está diretamente ligada a características negativas, depreciativas, que acabam desvalorizando o trabalho em si.

Corroborando com a afirmação acima, os autores Souza (2002) e Moraes (2009), afirmam que os catadores são marcados pela exclusão e pela diferença. Isso se justifica por lidarem sempre com o “lixo”, um elemento rejeitado pela sociedade e, conseqüentemente, têm seu trabalho relacionado à “gente suja”.

A desqualificação social é um fator que agrava e leva qualquer pessoa a situações precárias de vida, sendo também caracterizada como um processo de exclusão. O trabalhador desqualificado e rejeitado no mercado formal de trabalho tende a ter todas as áreas de sua vida prejudicadas, o que poderá gradativamente, agravar sua situação de excluído e dificultar seu retorno ao mercado formal de trabalho (Braga, L, B; Lima, A, D, Maciel, R, H, 2015).

Pode-se afirmar que o catador de material reciclado é incluído socialmente por ter um trabalho, porém é excluído da sociedade devido à natureza de suas atividades, realizadas em condições inadequadas, sem qualquer reconhecimento social e sem garantias trabalhistas, afirmam os autores Medeiros e Macedo (2006).

Os catadores, por meio da catação de materiais recicláveis, vendem aquilo que têm, ou seja, sua força de trabalho, para o capital. A renda obtida serve para as despesas básicas desses trabalhadores. O trabalho é baseado na exploração, e o valor do produto vendido, na maioria das vezes, é definido por atravessadores. Para aumentar sua renda, os catadores trabalham horas exaustivas e seguidas, coletando a maior quantidade possível de material.

Os catadores de materiais recicláveis compõem um processo social de resistência à pobreza, sendo possível evidenciar cidadãos excluídos buscando diariamente lutar e sobreviver dignamente com o fruto de seu trabalho. Estes, em meio à pobreza, sofrem com as causas e conseqüências da violação dos direitos humanos e do direito ao desenvolvimento. Infelizmente, pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade social e econômica são mais suscetíveis a

tais violações, representações da injustiça social que conduz, de modo contínuo, à pobreza (OLIVEIRA, 2011).

Considerando todo o contexto dessa classe de trabalhadores onde a única saída para seu sustento é garimpar, vender, comer e misturar-se ao lixo produzido por outros seres humanos, por mais difícil que possa parecer, ganha na atualidade grandes dimensões e, ao mesmo tempo, uma “invisibilidade” no tecido social construído pela sociedade do capital (GONÇALVES, 2006, p 43).

Uma das ações de extrema relevância atualmente e que, quando aplicada, contribui para melhoria de vida do catador de material reciclável e também, para o meio ambiente é através do conhecimento e aplicação da Educação Ambiental. Criada através da Lei nº 9.795 de 1999, a Educação Ambiental assim define:

Art. 1º. Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Para que seja possível alterar a crise socioambiental que a evolução do nosso planeta sofre, é necessário que toda a sociedade passe a rever seus atos e se reconheça como parte integrante do meio ambiente. Apresentando como parte importante deste cenário, a educação ambiental aparece como instrumento de mudança, pois é por meio dela que a sensibilização acontece (GONÇALVES, 2009).

Conforme previsto na lei, a educação ambiental é obrigatória em todos os níveis de ensino em caráter formal e não formal, conforme a lei:

Art. 2º. A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL, 1999).

A sociedade precisa ter consciência que além da mudança de percepção ambiental, deve refletir sobre a importância do trabalho do catador de material reciclável, pois ele é um dos principais agentes do processo de gestão ambiental. Assim, é imprescindível que o catador de material reciclável também se reconheça como cidadão e tenha o entendimento da essencialidade do seu trabalho em busca da sustentabilidade social, ambiental e econômica.

Nos últimos trinta anos, profissionais que atuam na área de educação ambiental têm gradativamente tomado consciência da importância, da riqueza e da variedade de programas educacionais que ajudaram a construir. Estão cientes de que o meio ambiente não é apenas um objeto de muitos estudos ou tema a ser discutido. O meio ambiente é uma amostra de identidade, convivência com os outros, do “ser-no-mundo” (SAUVÉ, 2005).

Ter o domínio do conceito sobre a educação ambiental não é suficiente. É fundamental que cada indivíduo esteja disposto a colocar em prática sua capacidade de solucionar problemas e possa, então, integrar-se aos processos de mudança.

A educação ambiental necessita de estímulos constantes; é preciso que cada pessoa reconheça e entenda o ambiente em que se integra e, a partir do conhecimento adquirido, busque novas formas de se relacionar com o meio ambiente, sempre com alinhamento aos princípios de interação ambiental e respeito (FERREIRA; MELO; MARQUES, 2016).

Segundo os mesmos atores, a educação ambiental não impõe padrões de comportamentos, sua intenção se concentra na elaboração de um processo que transforme e sensibilize, que produza a reflexão sobre os hábitos e as ações humanas. Nesse contexto, pode-se dizer que umas das maiores dificuldades é encontrar caminhos que estimulem a prática da cidadania.

A Educação Ambiental contribui significativamente para a uma maior interação da população, pois com características bem dinâmicas, construtivas, atua com os aspectos da realidade do local, possibilitando a criação de estratégias que gerem um maior entendimento sobre as mudanças que ocorrerão, neste caso na questão dos resíduos. É imprescindível a ação, participação, envolvimento e sensibilização da comunidade sobre o tema tratado, ou seja, uma verdadeira mobilização social (FERREIRA; MELO, 2016).

Por meio da educação ambiental, será possível alcançar o desenvolvimento sustentável, isto é, a percepção de que há espaço para a proteção ambiental associada ao desenvolvimento. Erradicar o analfabetismo ambiental pressupõe evidenciar que não é necessário esbanjar recursos naturais para se obter desenvolvimento, além de que o meio ambiente – que é finito – deve ser respeitado de modo perene. Nesse sentido, para alcançar um ambiente desejado, é importante que a sociedade viva em harmonia com o meio ambiente, buscando sempre o equilíbrio entre as suas necessidades para que não lhe falem subsídios no futuro. Tal local pode ser definido como aquele onde todos se preocupam com a limpeza e efetuam o descarte do lixo

corretamente para a reutilização, fechando um ciclo contínuo de uso, descarte e reciclagem (MEDEIROS *et al.*, 2011).

Neste aspecto, vale apresentar a realidade alarmista da ilha de Páscoa (Hunt, 2006), de forma a deixar claro que o uso desmedido e irracional dos recursos ambientais pode levar a humanidade ao colapso. Reconhecer que o mundo se encontra em uma situação energeticamente inviável, o que inclui a produção e descarte de lixo, também ajuda no processo de educação e tomada de consciência.

Em suma, educação ambiental é Educação; garante ou transforma a realidade, reproduz ou altera a sociedade. A educação qualificada como ambiental deve ser praticada com responsabilidade de ordem social, pois assim pode ajudar a minimizar as desigualdades no país e no mundo.

Vivendo em uma sociedade capitalista, onde as regras básicas do reconhecimento gira em torno dos aspectos financeiros, do lucro e do consumo, a cada dia são crescentes as diferenças entre os grupos que detém o poder e aqueles que estão sem meios para se inteirar desse processo. Aqueles que não conseguem se inserir na lógica do capital e, conseqüentemente, não conseguem atender aos apelos que permeiam o consumismo por ele imposto, serão entes socialmente invisíveis. Há ainda outra perspectiva para se pensar esse processo de invisibilidade que diz respeito à falta de reconhecimento social, aquilo que nos torna visíveis perante a sociedade. Dessa forma, está clara a necessidade que o ser humano tem de ser visto e reconhecido, ou seja, nossa condição social também depende de como somos avaliados, se somos aceitos ou não. A invisibilidade, portanto, gera sentimentos de desprezo e humilhação para aqueles que convivem com esse tipo de aversão (SOBRAL; N,G; SANTIAGO, I,M,F, L.; COSTA, J,C, 2009).

Ainda segundo os autores acima, os catadores de materiais recicláveis são uma classe de trabalhadores que sofre com o processo de invisibilização social, tanto na ótica atrelada ao consumo, quanto no que se refere ao reconhecimento social. Esta classe de trabalhadores tem crescido muito nos últimos 50 anos, encontrando na atividade de coleta de materiais a única alternativa para sua sobrevivência e de suas famílias. Sua atividade, no entanto, não tem reconhecimento social, haja visto ser uma profissão marcada por estigmas e informalidade.

Para o autor Porto (2006), seria o consumismo um dos fatores determinantes da invisibilidade humana, pois este nos induz a crer que o único meio de se construir uma identidade é através do consumo de bens materiais. Aqueles que não têm meios de consumir se



tornam, portanto, fora do âmbito social, já que não cumprem um papel que lhes é previamente imposto.

Trabalhando na informalidade, o catadores de materiais recicláveis são vítimas de uma invisibilidade pública que atinge vários grupos sociais, fazendo com que a situação precária a que são submetidos seja invisível aos olhos da população. Salientando que uma dessas ações é a humilhação social, a qual atinge as camadas mais pobres da sociedade (PINHEIRO, JUNIOR, 2015).

Essa informalidade, tão presente no trabalho do catador, os submete a uma vida de vulnerabilidade, sem reconhecimento da sociedade. Para Cavalcante e Franco (2007), isso contribui na afirmação destes trabalhadores de que esta atividade é humilhante e difícil, permanecendo ali por não terem outra forma de obter sustento.

É comum encontrar dentro de grupos de status marginalizados sentimento de insegurança e de inferioridade, conforme relata Oliveira (2016) em sua pesquisa. Corroboram com o tema os autores Miura e Sawaia (2013) explicam que:

“O trabalho possibilita momentos e encontros diferenciados, que ora podem ser de potência, ora de padecimento, ora de ruptura, ora de cooperação.”

Ainda contribuindo com o tema, os autores Medeiros e Macedo (2006) relatam que dentro da atividade do catador é possível evidenciar uma relação ambígua de orgulho e humilhação, pois o orgulho é proveniente do trabalho honesto e do sustento da família, mas a humilhação é evidente perante a invisibilidade da sociedade não percebê-los, ignorá-los e, assim, não ser possível identificar a relevância desse grupo social.

### **3. METODOLOGIA DO ESTUDO**

O Interesse em desenvolver esse trabalho reside no reconhecimento dessa força de trabalho em Itajubá. Observa-se que eles podem apresentar em uma cidade de médio porte, as mesmas dificuldades e angústias relatadas pela mídia em grandes centros urbanos do Brasil.

O grupo escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o de catadores de materiais recicláveis residentes na cidade de Itajubá (MG), que exercem suas funções na Associação de

Catadores Autônomos de Reciclagem Itajubense (ACARI) e na Associação de Catadores Itajubenses de Materiais Recicláveis (ACIMAR).

Essa pesquisa se torna importante para os catadores de ambas associações, pois os resultados trarão dados que mostrarão a realidade desses profissionais quanto ao reconhecimento da sociedade.

Em um breve detalhamento das associações:

- ACARI - Associação de Catadores Autônomos de Reciclagem Itajubense, situada Av. Padre Lourenço da Costa, Rod. BR 459, nº 3267. Fundada em 01 de agosto de 2011 possui 21 associados.
- ACIMAR - Associação de Catadores Itajubenses de Materiais Recicláveis, situada à Rua Anardino de Souza, 343 – Santos Dumont. Fundada em 19 de julho de 2007 possui 13 associados.

Tanto na ACIMAR quanto na ACARI o processo operacional segue a seguinte ordem:

- Entrega dos materiais coletados;
- Abertura dos *bags* para uma prévia remoção dos itens que são mais volumosos;
- Separação dos materiais coletados, dispondo-os em novos bags ou tambores;
- Prensagem e enfardamentos dos materiais;
- Melhor alocação dos fardos dentro do galpão, separando-os conforme o tipo de material;
- Venda do material.

A pesquisa foi dividida em duas etapas: a primeira foi um reconhecimento prévio mediante a observação *in loco*, na qual foi importante para um melhor conhecimento e entendimento do processo de trabalho, além de que, nesta fase, o pesquisador pôde coletar relatos diários de todo processo produtivo, bem como experiências pessoais anotadas em um diário de campo. A segunda executada através de aplicação de questionários e entrevistas, ferramentas fundamentais para o levantamento de dados. Entrevistas semiestruturadas possibilitaram que os entrevistados discorressem sobre os assuntos abordados, visto que alguns desses catadores poderiam apresentar dificuldades em responder na forma escrita – inclusive por eventuais dificuldades de leitura.

Através do questionário, buscou-se informações quanto à realidade dos catadores, quanto ao seu trabalho e visibilidade pela sociedade. Assim, foram feitas visitas às associações em diferentes horários, por um período de 40 dias, convidando a todos para participarem.

Mediante explicação da importância do trabalho e com o aceite para participarem da pesquisa, os associados assinaram o TCLE apresentado, enfatizando que cada um tinha a liberdade de escolher participar ou não.

Os dados coletados da pesquisa foram tabulados em uma planilha eletrônica.

O método utilizado para alcançar os objetivos apresentados no trabalho foi o método de pesquisa quantitativo que, caracteriza-se pela utilização da quantificação no método de coleta e processamento da informação através de técnicas estatísticas (RICHARDSON, 2015).

Para analisar os dados da pesquisa descritiva quantitativa, foi utilizado o levantamento das informações por meio de uma *survey*, também chamado de levantamento. Este é necessário quando se exige o envolvimento direto das pessoas cujo comportamento e/ou opinião se deseja conhecer; no caso, dos catadores de materiais recicláveis das associações da cidade de Itajubá

A pesquisa quantitativa tem a facilidade de auxiliar a descrever a complexidade de determinado problema, investigar a comunicação entre variáveis, entender e quantificar processos dinâmicos conhecidos por grupos sociais, expor aportes no processo de mudança, criar ou formar opiniões de um determinado grupo e permitir a compreensão das características dos comportamentos ou das ações dos indivíduos (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Após a análise dos dados, serão apresentadas as considerações finais e recomendações.

#### **4. ANÁLISE DE DADOS**

Atualmente a associação ACARI exerce suas funções em um galpão de 750 metros quadrados com, aproximadamente, 70% de toda sua área coberta por telhas de amianto em situações precárias, com telhas quebradas, alto risco de desabamento e com um aluguel mensal de R\$ 1.800,00. Em seu interior há um banheiro e uma cozinha.

Com relação aos equipamentos, na ACARI há três prensas, uma balança e carrinhos para auxílio no transporte dos bags e fardos pesados. Como não há esteiras, todo o processo de separação dos materiais coletados é feito pelo associado manualmente, tornando o processo mais moroso e penoso.

A associação ACIMAR atua em um galpão com 600 metros quadrados, totalmente coberto com telhas de zinco bem acabadas e com aluguel mensal de R\$ 1.800,00. Em seu interior há um banheiro, uma sala administrativa e uma cozinha.

A ACIMAR possui uma prensa, uma balança e um carrinho para auxiliar no transporte dos bags e fardos. Seguindo a forma de trabalho da ACARI, o processo de separação dos materiais também é feito manualmente pelos associados.

Quanto aos associados, a ACARI possui 21 associados, sendo oito do sexo feminino e treze do sexo masculino, na ACIMAR há trezes associados, sendo cinco do sexo de feminino e oito do sexo masculino.

Em ambas associações podem identificar um número expressivo de homens em relação a mulheres. Sengo os autores Da Silva (2011) e Paiva (2016), a mulher, ao se tornar uma catadora, sofre mais com as consequências do trabalho, pois além das variáveis desfavoráveis que norteiam o trabalho de catação, poderá experimentar também peculiaridades típicas do trabalho feminino. Além disso, características biológicas da mulher desfavorecem a execução desse trabalho, que é cercado de muito esforço físico e exposição a cargas físicas. Mesmo diante desse contexto, a mulher catadora tem se apropriado deste trabalho, sendo atuante em muitos cenários pelo país.

Colaborando com o tema os autores Ribeiro, Nardi e Machado (2012) relatam que “as mulheres ocupam a margem mais precária e mais desgastante na cadeia produtiva da catação/reciclagem”. De acordo com os autores, a mulher sofre uma sobrecarga de atribuições, em razão, por exemplo, da dupla jornada de trabalho, pela necessidade de atender à demanda laboral no aspecto produtivo e reprodutivo, o que contribui para a maior precarização do seu trabalho.

Freitas e Nobre (2012) relatam que muitas mulheres catadoras foram trabalhar em cooperativas e associações de reciclagem pela falta de emprego ou por não terem outras oportunidades de trabalho. Algumas mulheres optaram por trabalharem com essa atividade em detrimento de outras, como, por exemplo, a de empregadas domésticas, profissão que não apresenta perspectivas na relação de trabalho.

Os autores Ribeiro, Nardi e Machado (2012) relatam que “as mulheres ocupam a margem mais precária e mais desgastante na cadeia produtiva da catação/reciclagem”. De acordo com os autores, a mulher sofre uma sobrecarga de atribuições, em razão, por exemplo,

da dupla jornada de trabalho, pela necessidade de atender à demanda laboral no aspecto produtivo e reprodutivo, o que contribui para a maior precarização do seu trabalho.

### **Preconceito / vergonha / Humilhação**

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível colher relatos que evidenciam a realidade vivenciada pelos catadores durante o exercício de seu trabalho:

As pessoas acha que porque nós trabalha com lixo que nós somos lixo. (ENTREVISTADA 3, 2021)

Já vi gente apontando o dedo pra mim e me mostrando pra criança como se eu fosse algo ruim pra ela, uma coisa. Já ouvi mãe me chamando de “homem do saco”. (ENTREVISTADO 17, 2021)

Uma vez eu pedi água pra uma muié, pois ela tava parada na porta da casa dela, ela simplesmente disse que não tinha, fechou a porta e ficou me encarando pela beirinha da janela. Fiquei triste. (ENTREVISTADO 19, 2021)

Eu gosto do meu trabalho, mas tem hora que eu preciso dizer que trabalho por conta própria pra poder ser bem atendida em algum local. (ENTREVISTADA 21, 2021)

Eu nunca consegui entrar numa lanchonete para comer sem ver uma pessoa que levanta e sai quando eu tô entrando. (ENTREVISTADO 09,2021)

Uma vez uma criança chegou no portão e começou a me fazer perguntas, achei joinha e fiquei conversando com ela. A mãe dela chegou, puxou ela pelo braço e xingou na minha frente. Disse que eu tava ali pra ver o que ela tinha pra depois pegar. Como pode? (ENTREVISTADO 06, 2021)

Minha mãe, meu pai, sempre trabalhou nisso e sempre me contava o que acontecia na rua e até hoje passamos por isso, as pessoas não muda, né? (ENTREVISTADO 31, 2021)

A gente trabalha muito e não somos vistos. As pessoas precisam ajudar nós, valoriza mais nosso trabalho e ver que a gente tá deixando as coisas menos na rua. (ENTREVISTADO 11,2021)

As pessoas têm de valorizar mais nosso trabalho, não só com dinheiro mas com respeito também. Eles parece que são mais estudados que nós e não sabem da importância do nosso trabalho. (ENTREVISTADO 7, 2021)

Uma vez um garoto jogou o saco cheio de papel higiênico na minha cara e saiu rindo. (ENTREVISTADO 4, 2021)

As pessoas têm estudo, trabalho bom, dinheiro e não sabe tratar as pessoas. Por que será que tratam a gente tão mal se a gente só está fazendo o bem e querendo sobreviver? (ENTREVISTADO 31, 2021)

Eu estudei pouco, não tenho muito conhecimento das coisas, mas nunca maltratei ninguém, igual já fizeram comigo. (ENTREVISTADO 13, 2021)

Já vi mãe puxando o filho pra dentro de casa quando eu tô passando na rua. Acho que pensa que a gente tem alguma doença. (ENTREVISTADO 21,2021)

As crianças gosta da gente, já percebi isso. Os adultos não sabe que nós estamos cuidando do mundo, do futuro e principalmente de nossa família. Isso é triste, nossas crianças têm mais respeito por nós que os marmanjos. (ENTREVISTADO 28,2021)

Os relatos acima apenas confirmam o grande preconceito, descaso, humilhação que os catadores enfrentam na execução de um trabalhão que é refletido no desconhecimento da sociedade perante a importância do zelo com o meio ambiente. Para os autores Ferreira e Anjos (2001), o descaso da sociedade pelo trabalho do catador está relacionado à própria natureza de sua atividade – neste caso, por trabalharem com o que a sociedade chama de "lixo". No entanto, quando questionados se sentem vergonha do seu trabalho, 64,71% disseram que não e 35,29% sim.

Contribuindo com os dados acima os autores Oliveira e Carvalho (2016) relatam em sua pesquisa que os catadores não sentem vergonha do que fazem e que gostam da sua atividade.

A vergonha e o orgulho estão presentes no trabalho do catador. Orgulho quando considerado seu papel como agente socioambiental. E vergonha quando é comparado ao produto que lhe gera renda e garante sua sobrevivência (Miura, 2004).

“Percebe-se que estas pessoas apesar das más condições de trabalho e de toda precariedade que os envolve não sentem vergonha de suas atividades e que buscam argumentos para sustentar as suas opiniões em razão de tal atividade, atividade esta que não os envergonha, mas também não os faz sentir orgulho.” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2016).

Trabalhadores essenciais para o ciclo da reciclagem e para o meio ambiente, quando questionados quanto o que esperam do futuro profissional e a insatisfação se mostrou evidente quando 41,18% dizem que pretendem ficar na associação até conseguirem um trabalho mais rentável, enquanto 32,35% querem mais reconhecimento financeiro e da sociedade perante a importância do seu trabalho.

Contribuindo com o assunto a autora Teixeira (2015) relata que os catadores buscam ter vida e emprego melhores e que, além disso, eles também anseiam uma melhor nos aspectos de moradia.

Ainda corroborando com o tema Costa (2013) diz em sua pesquisa que 68% dos catadores trocariam de profissão, visando melhores perspectiva de futuro.

Para Costa e Pato (2010), a maneira como o capitalismo é imposto faz com que a riqueza se concentre nas mãos de poucos, tendo como consequência, a falta de perspectiva de futuro e a revolta dos catadores sobre a forma como são tratados em seu trabalho

Segundo os autores Oliveira et al (2011), os catadores almejam sair da informalidade, ter um emprego registrado ou até mesmo trabalhar em outra profissão. A certeza de estarem “fichados”, para eles, têm uma representação de segurança, de garantia de possibilidades de cuidar de si mesmos, de se aposentarem,

Outros índices levantados na pesquisa que nos submetem à forte reflexão, foram em relação a já terem sofrido algum tipo de discriminação e se já foram maltratado durante o trabalho, com porcentagens de 88,24% e 82,35%, respectivamente, disseram que sim, já sofreram discriminação e maus tratos.

A discriminação, os maus tratos na vida dos catadores é, apesar de doloroso, de extrema importância, pois estes fatores comprometem sua vida, saúde e dignidade.

Conforme os autores Silva et al.(2020) relatam:

(...) o sentido do trabalho para os catadores de materiais recicláveis aproxima-se mais do sofrimento que do prazer, embora seja difícil explicar onde começa um e onde termina o outro, tendo em vista que em alguns momentos esses trabalhadores mostraram-se satisfeitos e felizes por estarem lá. Porém, afirmar que se trata de prazer é renegar a trajetória de cada um e todo o sofrimento vivenciado em decorrência do preconceito sofrido pela sociedade.

Para Dantas (2018) os catadores sofrem todo tipo de discriminação social, falta respeito à cidadania e valorização de seu trabalho. Faltam legislações cumpridas, inclusão social e melhores condições de trabalho.

A discriminação está presente no cotidiano dos catadores, por diversos motivos, por causa da aparência suja, por suas más vestida, por mexerem com o lixo, com aquilo que é descartados por muitos e identificado como imundície; enfim, por estarem sobrevivendo a margem da sociedade (MIURA e SARAIVA, 2013).

“Percebe-se que o problema, hoje, não está mais em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim em reconhecer seu direito às condições de trabalho, de dignidade e de vida para além da sobrevivência. Agora é preciso preocupar-se com o sofrimento gerado por essa atividade no que se refere a discriminação, preconceito, saúde, projeto de vida.”

Um outro índice que a pesquisa traz e nos confirma que, invisíveis aos olhos da sociedade e diretamente envolvidos com o processo de reciclagem, os catadores não possuem

o reconhecimento, pois quando indagados se acreditam que as pessoas reconhecem a importância de seu trabalho, 85,29% afirmaram que não.

Foschiera (2009) disserta em sua pesquisa que a identidade do ser humano é formada pelo reconhecimento ou pela falta dele; por isso, uma pessoa pode sofrer um dano real se a sociedade não lhe der o devido valor. Em outras palavras, o reconhecimento é uma necessidade vital para a humanidade.

Para Silva (2021), será através das conquistas em relação ao que diz respeito às legislações que será possível construir estratégias na luta pelo reconhecimento, ressaltando que para os catadores de materiais recicláveis organizados em cooperativas possuem uma força maior para buscarem as reivindicações, não só para os catadores organizados, mas também para aqueles que estão na informalidade. Não obstante também, além da luta pelo reconhecimento e garantia dos direitos fundamentais de trabalho, é importante fortalecer a relação da sociedade para com os catadores, no que tange a conscientização do ciclo de vida dos resíduos através do consumo.

Porto *et al.* (2004) ponderam que as pessoas ignoram a importância das atividades do catador para o meio ambiente, tratando-os como invisíveis, associando-os aos itens descartados, que por eles são recolhidos.

Erroneamente, o lixo é classificado de forma pejorativa e isso é um fator relevante, que expõe o catador a um sentimento de inferioridade e sofrimento, culminando na escassez de expectativas de melhoria de vida (PINHEIRO, 2015).

Apesar da dura realidade que pode-se evidenciar pelos índices apontados, quando questionados sobre a satisfação no trabalho, 88,24% disseram estar satisfeitos por terem este trabalho que, apesar de todas as dificuldades, provê seu sustento.

Contribuindo com o assunto os autores Dobrachinski L e Dobrachinski M (2016) enfatizam que os catadores, mesmo exercendo suas atividades de forma sofrida, sem carteira assinada, sem os reconhecimentos legais, reconhecem-se em um trabalho íntegro que lhes concedem renda para o sustento de sua família.

Conforme exposto pelos autores Matos, Maia e Maciel (2012), os catadores sabem que são excluídos e têm consciência da maneira como a sociedade os veem. Juncá (2004) complementa informando que a população pobre está em constante mudança para sobreviver e, em meio a buscas incansáveis para suprir necessidades diárias, se posicionam como mera espectadora da cidade dos ricos, que se erguem na paisagem luxuosa de concreto. “Mais que



uma luta pela sobrevivência, o dia-a-dia dos catadores pode ser pensado como um espaço dinâmico onde convivem limites e possibilidades” (MATOS; MAIA; MACIEL, 2012).

## 5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Considerando o crescimento da população e o uso acerbado dos recursos naturais, a reciclagem tem se tornado evidente quando o assunto é destinação dos resíduos sólidos e conservação do meio ambiente. Consequentemente a estes fatos a profissão de catador de materiais recicláveis vem a cada dia se tornando mais relevante, porém estes são profissionais excluídos do mercado de trabalho que encontram através da catação de resíduos sólidos a sobrevivência.

Vivendo em uma sociedade capitalista, os catadores de materiais recicláveis sofrem pelo trabalho precário, pela humilhação e exploração.

Considerando o objetivo deste artigo, que buscou trazer depoimentos e demonstrativos das dificuldades, humilhações, vergonha que os catadores de materiais recicláveis das associações ACIMAR e ACARI de Itajubá (MG) enfrentam diariamente através do trabalho da catação de resíduos sólidos, nota-se que os índices apresentados nos mostra que de um lado temos uma sociedade que maltrata, humilha e não reconhece a importância do trabalho do catador e, do outro, catadores que apesar dessas considerações levantadas encontram-se satisfeitos, por alegarem daí que tiram o seu sustento e de sua família, porém ao deslumbrar com o futuro estes catadores não demonstram satisfação, pois buscam ficar na associação até conseguirem um trabalho mais rentável, ou querem mais reconhecimento financeiro e da sociedade perante a importância do seu trabalho.

Em uma cidade onde 88,24% da população discrimina, 82,35% maltratam e 85,29% não reconhecem a importância do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, como será possível, então, melhorar a vida desse profissional, que mesmo diante desses índices alarmantes, se reconhece satisfeito (88,24% dos entrevistados) devido a necessidade de sobreviver?

É necessário que se reconheça os catadores como cidadãos com direitos, suas atividades não devem ser motivos de preconceito, humilhação ou maus tratos, a dignidade deve estar presente no cotidiano desses profissionais.

Diante das considerações acima, algumas ações podem contribuir para minimizar as ações da sociedade no trabalho e na vida dos catadores de materiais recicláveis: uma mudança cultural com o intuito de promover o reconhecimento da importância do trabalho do catador, mudança que pode ser alcançada mediante maior incentivo da educação ambiental dentro e fora da escola. A intervenção do ambiente universitário na propagação da importância de se reciclar, de cuidar do meio ambiente, de melhor disponibilizar os resíduos sólidos para reciclagem e, conseqüentemente, na conscientização e respeito da importância do trabalho dos catadores.

A situação dos catadores de materiais recicláveis é um tema atual e de tanta relevância que novos estudos podem contribuir para melhoria na qualidade e condições de trabalho destes profissionais. Com união, incentivo, motivação e mudanças no individual e no coletivo serão possíveis alcançar a eficiência na qualidade do trabalho do catador e a excelência em sua qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. Lei n. 9795 - 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999.

BRAGA, Natalia Lopes; LIMA, Deyseane Maria Araújo; MACIEL, Regina Heloisa. Não tinha trabalho, mas tinha reciclagem: sentidos do trabalho de catadores de materiais recicláveis. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 1051-1059, Dec. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400019&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 mai 2022.

CASTILHOS JUNIOR, Armando Borges de et al. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & saúde coletiva*, v. 18, p. 3115-3124, 2013.

CAVALCANTE, Sylvia; FRANCO, Márcio Flavio Amorim. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. *Revista mal-estar e subjetividade*, v. 7, n. 1, p. 211-231, 2007.

COSTA, C. M.; PATO, C. A trajetória de vida dos catadores de materiais recicláveis. *Revista Eletrônica de Culturas e Educação*, n. 1, p. 80-96, 2010.

COSTA, Marly Cordeiro da et al. **A realidade socioeconômica e ambiental da associação dos catadores de materiais recicláveis de Pombal-PB: desafios e possibilidades para a inclusão social.** 2013.

CUNHA, M. R. R. L. **Risco e consumo: a construção da identidade a partir do lixo.** Goiânia, 2009. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1594>. Acesso em 15 mai 2022.

DA SILVA, L. C. **Histórias de mulheres catadoras: Ambiguidades, Gênero e Representações. Dissertação de Mestrado.** Dourados (MS). 2011

DANTAS, Janeir Francisco et al. **Os depósitos irregulares de resíduos sólidos e o trabalho dos catadores de materiais recicláveis em Uberlândia.** 2018. Disponível em <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22252>. Acesso em 21 ago 2021.

DIAS, S. M. Coleta Seletiva e Inserção Cidadã – A Parceria Poder 384 Cooperativas de Catadores: reflexões sobre práticas Público / ASMARE em Belo Horizonte. In: JACOBI, P. Gestão Compartilhada dos Resíduos Sólidos no Brasil: Inovação com inclusão social. São Paulo, SP: Annablume Editora. 2006. p. 65-86.

DOBRACHINSKI, L.; DOBRACHINSKI, M.M.M. Condições de vida, trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis de lixo de um município do oeste da Bahia. **Revista das ciências da saúde do oeste baiano.** P. 18-45.2016.

FERREIRA, Camila Aparecida da Cruz; MELO, Ismail Barra Nova; MARQUES, César Moral. A Educação Ambiental brasileira: história e adjetivações. **Revista Brasileira de Educação Ambiental,** São Paulo, v. 11, n. 1, p. 183-195, 2016.

FERREIRA, João Alberto; ANJOS, Luiz Antonio dos. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de saúde Pública,** v. 17, n. 3, p. 689-696, 2001.

FOSCHIERA, Rogério. **Educar na autenticidade em Charles Taylor.** Educação, v. 32, n. 3, p. 365-374, 2009.

FREITAS, T. V.; NOBRE, M. **Possibilidades e limites na construção de igualdade de gênero na Economia Solidária.** In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). Novas configurações do trabalho e economia solidária. São Paulo: Annablume, p. 399-421, 2012.

GONÇALVES, Marcelino A. **O trabalho no lixo. Tese de Doutorado.** Presidente Prudente: Programa de Pós-Graduação em Geografia.FCT/Unesp, 2006. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105032>. Acesso em 04 de out de 2020.

HUNT, Terry L. **O colapso dos rapanui,** SCIAM, 2006

JUNCA, D.C.M. **Mais que sobras e sobrantes: vida e trabalho no lixo. Tese (Doutorado em Saúde Pública).** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4387>. Acesso em 05 de out de 2020.

MACIEL, R. H. T.; MATOS G. R.; MAIA L.M. Catadores de material reciclável e identidade social: uma visão a partir da pertença grupal. **Interação Psicologia**, v. 16, n. 2. Curitiba, jul./dez. 2012, p. 239 – 247.

MATOS, Tereza Glaucia Rocha; MAIA, Luciana Maria; MACIEL, Regina Heloisa. Catadores de material reciclável e identidade social: Uma visão a partir da pertença grupal. **Interação em Psicologia**, v. 16, n. 2, 2012. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/22147>. Acesso em 22 jun 2022.

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 62-71, maio/ ago. 2006.

MEDEIROS, A. B. et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n.1, set. 2011.

MIURA, Paula Orchiucci; SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 331-341, 2013.

MORAES, C. A. S. Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo. **Revista Vértices**, v. 11, p. 109-124, jan./dez. 2009.

MOREIRA, Nelson Camatta; PINHEIRO, Priscila Tinelli. Globalização, invisibilidade social e reconhecimento: uma análise da (so) negação de direitos dos catadores de materiais recicláveis. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 13, n. 1, p. 209-237, 2018

NETO, J.M. **Caracterização dos determinantes sociais dos catadores de materiais recicláveis no município de Serrana**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. SP. 2019. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17157/tde-12082019-111045/en.php>. Acesso em 02 fev 2021.

NEVES, Pedro Dias Mangolini; SERIKAWA, V. S.; RAYMUNDO, G. S. **Reciclagem: uma questão ambiental, econômica e social**. DGE/CCH/UEM, 2008. Disponível em [https://www.academia.edu/3618794/Reciclagem\\_uma\\_quest%C3%A3o\\_ambiental\\_econ%C3%B4mica\\_e\\_social](https://www.academia.edu/3618794/Reciclagem_uma_quest%C3%A3o_ambiental_econ%C3%B4mica_e_social). Acesso em 01 dez 2021.

OLIVEIRA, Michele Morais et al. **A sobrevivência como foco: cotidiano e perspectiva de futuro dos catadores de materiais recicláveis**. 2011. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/13899>. Acesso dia 08 de ago de 2021.

OLIVEIRA, Rosivania Santos; CARVALHO, Marcondes Fernando Pereira. **LUTANDO PELA SOBREVIVÊNCIA: O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE CUITÉ (PB)**.2016

PAIVA, Camila Capacle. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. *Ideias*, v. 7, n. 2, p. 151-174, 2016.

PINHEIRO, Priscila Tinelli et al. **Estas vidas, por que não ir escutá-las lá de onde falam por si próprias? Diálogos com os membros das associações de catadores de materiais recicláveis de Vitória-ES.** 2015. Disponível em <http://repositorio.fdv.br:8080/handle/fdv/148>. Acesso em 04 de mai de 2022.

PINHEIRO, Priscila Tinelli; JÚNIOR, Humberto Ribeiro. O cooperativismo e sua importância no processo de desinvisibilização social dos catadores de materiais recicláveis. *Derecho y Cambio Social*, v. 12, n. 40, p. 10, 2015.

PORTO, M. F. S.; JUNCA, D. C.M; GONÇALVES, R. S.; FILHOTE, M. J. F. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública** 2004;  
[https://www.scielo.br/j/csp/a/8bCgpfz4tgnZPf7qf7jWMCH/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/csp/a/8bCgpfz4tgnZPf7qf7jWMCH/?format=pdf(=pt). Acesso em 02 fev 2021.

PORTO, Juliana. Invisibilidade Social e a Cultura do Consumo, pág. 2. PUC-RIO. **Departamento de Artes & Design—estágio supervisionado pela professora Cristine Nogueira**, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2ª edição – Universidade Feevale – Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – 2013.** Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=M%C3%A9todos+e+t%C3%A9cnicas+de+pesqui+sa+quantitativa&ots=dcZ-9iA6FN&sig=A\\_sbLY8SbgDQSKHNMTDUYZelO0Y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=M%C3%A9todos+e+t%C3%A9cnicas+de+pesqui+sa+quantitativa&ots=dcZ-9iA6FN&sig=A_sbLY8SbgDQSKHNMTDUYZelO0Y#v=onepage&q&f=false). Acesso em 15 maio 2022.

RIBEIRO, I. M.; NARDI H. C.; MACHADO P. S. Catadoras(es) de materiais recicláveis e as possíveis articulações entre trabalho precário e relações de gênero. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 2, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pós-Graduação-Metodologia-Pesquisa Social: Métodos e Técnicas-Métodos Quantitativos e Qualitativos-Capítulo 5.** Editora ATLAS SA-2015-São Paulo, 2015.

SANTOS, B. D.; CURTI, R. C.; SILVA, M. M. P. Análise ambiental de empreendimentos dos catadores de materiais recicláveis em rede, Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.11, n.5, p.482-499, 2020.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 31, n.2, p. 317- 322, São Paulo, 2005.

SILVA, J. C. A. et al. **Reciclagem de Garrafas Pet faz Parte de Projeto do Instituto Nacional de Tecnologia.** Texto de divulgação científica publicado em 21 de novembro de 2007.

SILVA, Mariana Oliveira. **A política nacional de resíduos sólidos: limitações na relação entre catadores e poder público municipal na Zona da Mata - MG (2000 – 2017).** 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; DE BRITO, Mozar José; CAMPOS, Rafaella Cristina. **“O Lixo pode ser mais que Lixo”: O Sentido do Trabalho para Catadores de Materiais Recicláveis.** *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 7, n. 19, p. 622-658, 2020.

SILVA, Camila Aguirre da et al. **A importância do trabalho dos/as catadores/as de materiais recicláveis: aspectos históricos, sociais e econômicos.** 2021.

SILVA, Ricardo Fagner Souza da. **"Catadores de recicláveis: processos de identidade, invisibilidade e exclusão em Dourados-MS."** (2015). Disponível em <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1529>. Acesso em 11 ago 2021.

SOBRAL, Natália Gomes; SANTIAGO, I. M.; COSTA, Jussara Carneiro. **Gênero e invisibilidade social entre catadores de materiais recicláveis de Campina Grande/PB.** SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: culturas, leituras e representações. II, 2009.

SOUSA, S. B. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª Edição. 518p. 2002.

SOUZA, Alinne Bianca Lima de. **Modo de Vida e Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis no Amazonas: o acesso a bens e serviços sociais.** 2018. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/166153>. Acesso 12 set 2021.

SOUZA, S. S. ET AL. **Reciclagem de Resíduos Sólidos como Auxílio à Educação Ambiental:** uma experiência com a ONG ECOCANES. *Revista GEOMAE (Geografia, Meio ambiente e Ensino)*. Vol. 03, nº01, 1º sem/2012.

TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. WORK AND PERSPECTIVES ACCORDING TO THE PERCEPTION OF RECYCLED GARBAGE PICKERS. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2015, v. 27, n. 01 [Accessed 8 August 2022] , pp. 98-105. Available from: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p098>>. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p098>. Acesso em 21 de junho de 2022.

ZAPPAROLI, I. D. **A questão socioambiental da reciclagem: a prática da população londrinense.** Londrina: UEL, 2008. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/46%20A%20QUEST%C3O%20SOCIOAMBIENTAL%20DA%20 RECICLAGEM.pdf](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/46%20A%20QUEST%C3O%20SOCIOAMBIENTAL%20DA%20RECICLAGEM.pdf). Acesso em: 15/11/2020.